

**Bruno, Paula (directora). *Sociabilidades y vida cultural. Buenos Aires, 1860-1930.* Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2014, Colección Intersecciones.**

Ivia Minelli

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

iviaminelli@gmail.com

Pensar os espaços de sociabilidade tem se revelado uma proposta bastante fértil para várias frentes de estudo na historiografia argentina, que buscam nos cruzamentos de trajetórias pessoais, nos trâmites de organização de encontros entre personalidades do meio letrado e nas produções derivadas dessas agremiações, um novo meio de ancorar a formação da intelectualidade argentina. O livro coordenado pela historiadora Paula Bruno insere-se nesse debate de forma a inaugurar uma perspectiva: a da *sociabilidade cultural* que, diferente das abordagens políticas, classistas ou étnicas que antecedem esse projeto, propõe investigar as mais diversas associações para além de suas correlações com a construção do Estado argentino, entendendo que muitas vezes essa escolha metodológica solapou as iniciativas e interesses de cunho particular por conta da força avassaladora do contexto histórico-político do país. *Sociabilidades e vida cultural* é, então, um convite a percorrer histórias de personalidades, círculos literários e suas distintas vontades.

Com o recorte do livro marcado entre as décadas de 1860 e 1930, Paula Bruno delimita sua abordagem ao período em que a Argentina experimenta certa estabilidade política e busca definir as características de sua ação intelectual, revelando um anseio de homens pertencentes à elite letrada em discutir e, acima de tudo, erigir seu lugar no movimento progressista vivido em Buenos Aires. Após anos do governo caudilho de Rosas, os espaços associativos deslancharam e diversos projetos culturais puderam correr, inclusive, à margem das disputas pela organização institucional do país. Dessa forma, os nove capítulos que compõem essa obra definem na sociabilidade cultural portenha a base material e temática para a profissionalização das letras nacionais, ditada entre tensões, rupturas, continuidades e redefinições com relação à experiência local e às referências estrangeiras.

Com a escolha da composição de capítulos e temas, o livro propõe uma leitura cronológica dos círculos literários, de forma a mapear a transformação dos atores e da consciência intelectual no decorrer de cada década. O primeiro capítulo assegura esse tom evolutivo da obra e, sendo ele da autoria de Paula Bruno, defende que apenas na virada dos anos 1860 teria começado a ser viabilizada a existência do profissional letrado, junto a certa tomada de consciência em relação ao "deserto cultural" que sobrepujava a Argentina, condicionada até então por debates de cunho eminentemente político. Nota-se o deslanchar dessa proposta analítica no conteúdo do capítulo sete, em que Federico Bibbó conta sobre a fundação do *Ateneo* (1892) e as encruzilhadas da mais nova vida cultural argentina. Seria este um momento de inversão para os letrados porque as ideias modernistas, enfim, encontrariam seu espaço de articulação em Buenos Aires, registradas como interesse de certa classe intelectual à luz de Ruben Darío. Assim, uma das questões a ser observada na trajetória do livro é a narrativa da intelectualidade argentina, partindo de uma condição letrada até alcançar o literário; em outras palavras, é a história da ascensão do literato como artista, que passa a independender da condição periodista e política para atuar na cena urbana e moderna.

Em nenhum momento os autores negam o envolvimento da questão política ou do contexto argentino na vida e atuação desses intelectuais. O esforço desse trabalho está em desarticular grandes marcos históricos, delinear divergentes e coexistentes patamares sócio-culturais e, acima de tudo, transbordar certa pauta historiográfica que sedimentou os esforços de pensar a cultura como antessala da institucionalização do Estado na segunda metade do século XIX. No entanto, é tênue e inquietante a linha que separa esse debate sobre a intelectualidade portenha de uma história intelectual nacional, pois muitas vezes seus parâmetros parecem confundidos numa sobreposição de experiências. O que pode ser definido nesse ponto é que a opção pela narrativa cronológica valoriza e faz aparecer os sujeitos e as associações surgidas no período, embora renove os votos de uma modernidade latente e salvadora, de uma país cuja chave interpretativa continua sendo a literatura e sua capital.

Nove capítulos, nove associações descritas em suas contribuições para o avanço da independência intelectual argentina. Ao explorar os principais nomes, lugares e a produção decorrente dos encontros, *Sociabilidades e vida cultural* apresenta um mapa bastante amplo da circulação de ideias entre 1860 e 1930 em Buenos Aires. Os três

primeiros textos abordam tentativas formais e informais de estimular a produção cultural no país, respectivamente, o *Círculo Literario*, o *Círculo Científico Literario* e a *Academia Argentina de Ciencias y Letras*.<sup>1</sup> Tais associações tiveram em seus alicerces a preocupação de garantir o sustento do ramo letrado sem o aporte governamental e, nos primórdios do *CL*, chegaram a reunir os mais diferentes nomes: Estanislao del Campo, Bartolomé Mitre, Marcos Sastre, Valentín Alsina, e tantos outros, representantes de diferentes gerações e interesses que, aos poucos, teriam melhor definidos seus lugares de atuação. O traço da sociabilidade nessas primeiras décadas estava marcado por reuniões caseiras e improvisadas, mas rapidamente os encontros ganhavam ritmo, cronograma e referência. Com o *CCL*, nota-se o esforço em realçar na juventude novas sensibilidades, o que abriria espaço para uma nova estética e novos experimentos, tendo na universidade o horizonte de interlocução. Proposta diferente surgia com o *AACL*, cujos membros já possuíam certo renome e, por isso, buscariam paralelamente articular as diretrizes de projetos culturais para a Argentina. Buenos Aires estava em convulsão e cada modo de atuação cultural era disputado.

Entre o quarto e o sexto capítulo,<sup>2</sup> somos apresentados a novos atores que surgem na Buenos Aires dos anos 1880 e 1890, vinculados à atmosfera cosmopolita e cientificista desbravada nas décadas anteriores. Sociedades espíritas e teosóficas, a boemia, anarquistas e socialistas agregam novas estéticas ao trabalho intelectual e consagrariam a vivência do escritor como artista. O estilo de vida noturno arrastado pelos inúmeros cafés da cidade que conferiam força ao exercício poético, e também os encontros experimentais que abriam espaço para a emancipação dos homens no culto à investigação científica, ofereciam uma dinâmica inédita à profissão letrada, que ganhava novos contornos e firmava novos espaços de atuação por conta dos entrecruzamentos de pessoas e vontades. Além disso, a fé no progresso estava alinhada a uma desarticulação de antigos modos do ofício das letras, consagrado desde o começo do século por moldes periodistas e por figuras imponentes como Bartolomé Mitre e Rafael Obligado.

Um dos grandes nomes de referência para o período é o ítalo-argentino José Ingenieros, médico, escritor, editor, docente citado nesses capítulos e que transitava pelos novos ares da vida portenha. Seu protagonismo nos debates anarquistas e

---

<sup>1</sup> Autores dos capítulos, na sequência: Paula Bruno, Sandra Gasparini, Daniela Lauria.

<sup>2</sup> Autores dos capítulo: Soledad Quereilhac, Pablo Ansolabehere, Martín Albornoz.

socialistas obscureceu, muitas vezes, seus interesses pelo ocultismo e as suas muitas instâncias científicas, ainda que viesse a desvincular-se desse seu passado já no período do Centenário. Conviveu diretamente com os ideais da escrita poética de Ruben Darío - grande boêmio -, assim como enfrentou ativamente os debates que consagrariam a formação de uma opinião pública diante de uma cultura política renovada e ampliada. A atuação de Ingenieros na esfera pública perpassaria outras tantas instâncias nas décadas seguintes, sendo debatedor de outras grandes referências como Ricardo Rojas e reconhecidos estrangeiros, como os espanhóis Eugenio D'Ors e Miguel de Unamuno. Suas frentes de combate variavam desde as desconfianças diante de estrangeirismos, até a evocação tradicionalista do remanescente *gaucho*, sempre dialogando a partir das exigentes premissas do moderno.

Com as novas associações, diferentes estilos de vida e divergentes perspectivas de conduta frente ao dinamismo da modernidade surgiram as inúmeras publicações que atestariam a existência desses encontros e debates. Fazia-se necessário dar vazão às ideias emergentes, que primeiro ocuparam algumas colunas de importantes periódicos antes de alcançarem publicações próprias, em formato de revistas e também de jornais. Vale lembrar que essa grande movimentação periódica ocorreu junto a uma explosão de casas editoriais em Buenos Aires, que aumentou o acesso a traduções e reproduções, assim como viabilizou a inscrição dos letrados no mundo das letras internacionais.

Outros suportes seriam buscados e, sem dúvida um dos mais significativo, foi o imperativo de produzir um *Diccionario de Argentinismos* por parte da AACL. Entre 1875 e 79 discutiu-se a importância de inclusão do *gaucho* à cultura nacional, a necessidade de problematizar a inevitável herança hispânica e a forte presença estrangeira no emprego da língua nacional, segundo a perspectiva de que o alinhamento linguístico deveria ser condicionado ao colorido local. Basicamente, tal dicionário buscava tornar palpável, e assim selecionava, certas tradições culturais coerentes com um país que almejava uma língua legítima e autônoma, conduzida nos moldes desse dinamismo citadino. Isso significa que muitas expressões da cultura nacional consideradas populares ou de baixa qualidade literária, que inclusive apresentavam grande circulação impressa, não fazem parte da sociabilidade retratada no livro de Paula Bruno, apesar de vermos nele alguns nomes de *payadores* ou teatrólogos relacionados ao universo *criollista*.

No oitavo e no nono capítulo<sup>3</sup> são apresentados discursos de uma classe letrada, artística e profissional já consolidada e que se proporia, inclusive, a usar essa posição alcançada para se reapresentar ao cenário político. Se antes, anarquistas e socialistas precisaram pensar a apropriação de seus discursos pelo público portenho, já no começo do século XX encontramos essa recém-formada instância letrada com força atuante diante dos ditames do Estado e dos remanescentes conservadorismos da profissão. As reformas universitárias exigidas tanto por estudantes do *Colegio Novecentista* quanto do *Curso de Cultura Católica* revelam enfrentamentos de dentro de consagradas instituições. As associações já não precisavam recorrer a bares, cafés, parques, restaurantes ou casas de particulares, pois a discussão estava sendo feita na esteira dos grandes círculos letrados. O novo intelectual assumia a cena pública, sendo ele artista, literato, periodista e, acima de tudo, autor de sua própria linguagem cultural.

Diante dessa abordagem, a seleção de associações proposta por Paula Bruno para desenhar um mapa da intelectualidade portenha na virada do século XIX para o XX revela-se bastante rica e instigante, na medida em que sobrepõe experiências tão divergentes e, ao mesmo tempo, socialmente concorrentes. Entre as temporalidades abarcadas pelos capítulos, a década que se mostra menos representada é a dos anos 1880, um dos maiores marcos históricos da Argentina, tanto para a política quanto para as letras em geral. Reconhece-se nesse período a estatização oficial do país, o fechamento de fronteiras e o impulso cultural da imprensa. Dessa forma, a historiadora propõe uma abertura historiográfica que desconecte os grandes marcos políticos dos debates pela cultura e, também, que supere a década de 1880 como divisor de águas, valorizando as continuidades e reverberações de desejos emancipatórios articulados desde décadas anteriores. Essa postura analítica traz para a disciplina História marcos que ficaram consagrados nos estudos da crítica literária; Noé Jitrik, por exemplo, ainda é uma das grandes referências para o estudo do debate cultural dos anos 1880, coordenador da extensa e famosa edição recente "História crítica de la literatura argentina". Assim como é preciso ampliar o conceito de sociabilidade portenha e oferecer espaço a jovens e vigorosos interlocutores, é preciso realocar propósitos analíticos estancados por clássicos pesquisadores.

---

<sup>3</sup> Autores dos capítulos: Maximiliano Fuentes Codera, José Zanca.